



## Artesanato: Ontem, hoje e amanhã

15—16 Novembro

Monsaraz



O tema dos **Encontros de Monsaraz 2025**, na sua 26<sup>a</sup> edição, será “O Artesanato”. O artesanato foi, durante milhares de anos, uma actividade essencial para a vida quotidiana das populações. Tudo o que se usava na vida diária era feito por artesãos em diversas técnicas e matérias, que foram evoluindo e melhorando ao longo dos séculos: O barro e a olaria para fabricação de utensílios como pratos, panelas, potes, tigelas, cântaros, alguidares e talhas para a fermentação do vinho; A madeira, sobretudo as macias, das árvores dos cursos de água como choupos, amieiros, faias ou aloendros, para todo o tipo de bancos, cadeiras, mesas, camas e outros moveis; Os couros, cabedais e carneiras, para acessórios de uso no vestuário humano, mas também para os atavios dos animais, como as albardas, molins, celas e todo o tipo de correarias; A latoaria e funilaria para utensílios diversos como cântaros, regadores, baldes e alguidares mas também para a construção para fabrico de rufos, caleiras e tubos de queda das águas pluviais; Outros metais como os cobres, bronzes, estanho e latões, para utensílios mais ricos como tachos, panelas, alambiques, braseiras, cataplanas e também elementos fundidos decorativos; As canas e vimes para as diversas artes da cestaria; O buinho para fundos de cadeiras; A estopa, a atabua e o sorgo para tapetes, passadeiras e vassouras; madeira de raízes para objectos decorativos; As lãs, algodões e linhos, para confecção de tecidos, mantas, tapeçarias e tapetes. Também os veículos de tracção animal como carroças, carros, caleches e trens, e outros veículos para trabalhos agrícolas como os trilhos, fabricados por abegões, eram objectos muito procurados por agricultores para os trabalhos agrícolas, e também para o transporte de pessoas e bens.

Trabalhos em ferro fundido e outras técnicas de trabalho dos metais eram usados em estruturas diversas, decorativas ou funcionais; Os materiais de construção eram todos fabricados manualmente, como são os casos dos tijolos de burro, fabricados em barro e cozidos, dos adobes, secos ao sol, da terra molhada usada na construção em taipa, dos azulejos em base cerâmica e dos ladrilhos de cimento decorativos.

Eram inúmeras as profissões ligadas ao artesanato e à construção manual de artefactos artísticos como funileiros e latoeiros, oleiros, correeiros, albardeiros, abegões, ferreiros, tecedeiras e tecelões, carpinteiros e cesteiros. Trabalhavam diariamente nas suas oficinas fazendo objectos utilitários que se vendiam localmente, mas também em feiras regulares onde se deslocavam com os seus produtos que eram sempre muito procurados. Todos estes materiais e técnicas foram essenciais para a vida de toda a gente, durante milénios, desde a sedentarização do homem, há mais de 7.000 anos, a até aos princípios do séc. XX.

No princípio desse século, sobretudo depois da Primeira Grande Guerra, a entrada em força do design e da produção em série foi acabando com todas estas actividades, sendo que o uso destas técnicas e materiais centenárias, ficou resumida a produzir apenas objectos decorativos e artísticos. Os plásticos e materiais sintéticos, a produção em fábricas, e a entrada em força das tecnologias e dos novos materiais, acabaram com o artesanato, que tinha sido um serviço fundamental para o homem durante este período.

1/2



## Artesanato: Ontem, hoje e amanhã

15—16 Novembro

Monsaraz

Depois de anos de definhamento, o artesanato tem agora um carácter mais artístico e decorativo, já não essencial, mas todas estas técnicas construtivas e decorativas, necessitam de ser preservadas para que não se percam. A maioria delas já faz parte do património etnográfico que felizmente é conservado em variadíssimos museus e colecções por todo o País. Mas ainda assim, há que haver um trabalho permanente que mantenha e preserve estas tradições, técnicas e materiais. Nos últimos anos, tem havido algum trabalho, em autarquias e associações de artesãos, que tem tido resultados positivos na recuperação e renascimento de várias destas técnicas. A procura por estas artes tradicionais tem sido muita, nomeadamente na recuperação de edifícios, e como complementos de decoração. Tem havido também muitos apoios, sobretudo de origem comunitária, a novos projectos e a pequenas produções. Assim, a manutenção, conservação e desenvolvimento destes fantásticos produtos e processos tem sido suficiente para os manter. Feiras de artesanato têm contribuído para que o negócio se mantenha e prospere. As novas tecnologias digitais de venda de produtos também ajudam. Por outro lado, muitos artistas e designers, têm vindo a introduzir novos desenhos, melhorando materiais e processos de fabrico potenciadores destas técnicas ancestrais.

**As questões que se colocam perante esta nova realidade, são a seguintes:**

**Que futuro tem o artesanato? Ainda há artesãos? As técnicas e os processos estão a perder-se? Ainda há espaço para formar novos artesãos? Há lugar para escolas artísticas que ensinem técnicas e metodologias de produção como a cestaria, a pintura alentejana em móveis, os tapetes e as mantas? Qual o papel da inovação e de novas formas de artesanato? Os antigos materiais locais como o buinho, o barro, a estopa, ainda existem e são explorados? Ou podem ser introduzidos novos materiais?**

Há, ainda, muito para fazer e espaço para a criação de novas ideias como oficinas mais funcionais, com partes do processo mecanizadas que simplifiquem o trabalho e reduzam os custos. Muitas destas experiências já existem. As universidades podem ter um papel importante neste processo. Já existem cursos ligados aos têxteis, mas numa versão industrial. Pode o artesanato seguir o mesmo caminho? E transformar-se num novo produto? Podem estes processos artesanais serem explorados nas escolas artísticas e trazer estudantes para experimentarem estes processos?

É sobre esta evolução e continuidade que pretendemos ouvir especialistas, artistas, novos e velhos artesãos, pequenos industriais, especialistas em materiais e técnicas, para nestes dois dias de trabalhos reflectirmos e darmos o nosso pequeno contributo para a discussão deste problemática da manutenção e crescimento destas artes e técnicas.

2/2